A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Affonso Vargas*

ASSIGNATURA

Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 300 réis
Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 200 »
Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 1$200 »
Numero avulso ..... 040 »

Publicação quinzenal

N.º 19

Julho de 1886

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor, Brito Nogueira, rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa.
Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

QUESTÕES SOCIAES

VI

Cumprindo o que deixámos dito, tentaremos provar que não obstante a cerrada e poderosissima argumentação de Herbert Spencer, fortalecida por uma erudição prodigiosa, accumular motivos sobre motivos procurando combater as modernas tendencias sociaes para a solução do problema economico, alguns factores tinham sido desprezados, ou, pelo menos, não tomados em linha de conta. Convem que fundamentemos as nossas duvidas, e é o que pretendemos ir fazendo.

Em primeiro logar afigura-se-nos que a base da questão se resume no seguinte: saber o que deve entender-se por beneficencia, e o que deve entender-se por justiça, visto serem estes os dois termos em que o eminente philosopho condensa em ultima analyse toda a questão social; e, definidos elles, saber quem deve exercer uma e quem tem de applicar outra.

Pela opinião de Spencer pertencem os actos de benevolencia aos individuos e corporações particulares, e cabem na orbita do estado as attribuições da justiça; como, porém, precisamente na maneira de determinar a linha divisoria dos dois factores, e até no modo de os explicar se suscitam opiniões diversas, é natural que indaguemos primeiro o que o auctor da *Sciencia social* define por benevolencia, e o que elle define por justiça, e qual a esphera que demarca a ambas.

E aqui é que, quanto a nós, reside o fecho do problema.

Porque, desde que todos aprendemos com o proprio Herbert Spencer, que é uma lei indestructivel a da relatividade dos nossos conhecimentos, e desde que da applicação d'essa lei a varios assumptos não podemos ignorar que a mesma idéa ou grupo de idéas póde ser interpretada diversamente, não só segundo o meio e segundo a epocha, mas até segundo as latitudes e longitudes, etc.; tendo que tomar-se em consideração innumeros factores de cuja existencia o maior numero não suspeitava; n'este caso, a idéa de justiça, e da mesma fórma a idéa de benevolencia não poderão eximir-se a este principio geral, e por consequencia serão explicadas e comprehendidas por modos differentes, e vistas por aspectos igualmente diversos.

E effectivamente assim é, porque já hoje ninguem ignora que um acto que n'um dado ponto do globo póde ser considerado criminoso, n'outro será considerado admissivel, e ainda n'outro qualdadei recommendavel.

Temos exemplos frisantes d'este facto em instituições das mais respeitaveis até, como a da familia, que constituida aqui sob o mais alto ideal da monogamia, alem era polygamica ou polyandrica, o que é mais, e emfim tantos outros que seria ocioso citar.

Ora o mesmo da justiça e da benevolencia.

Pois se nós hoje, povos modernos, que já attingimos uma certa altura na civilisação, que nos regemos approximadamente por identicas leis, que temos quasi os mesmos habitos, e que sentimos iguaes tendencias e necessidades, ainda conservâmos tão accentuadamente radicadas differenças capitaes, e se tanto nos differençâmos, até na maneira de ás vezes analysarmos o mesmo phenomeno e discutirmos o mesmo principio, como não procederemos assim para com essas duas altas expressões da intelligencia e da bondade humanas? Como é que não havemos de interpretar ás vezes de modos diametralmente oppostos principios abstractos, que na sua propria natureza intima estão a demonstrar a diversidade da nossa critica para os explicar?

E dizemos abstractos, embora sejam de applicação concreta, porque effectivamente elles representaram e representarão sempre o typo ideal da perfeição humana, typo para o qual nós procurâmos caminhar, e aonde o nosso espirito ascende ás vezes nos seus vôos arrojados, quando tenta librar-se ás alturas immaculadas, mas que por estar muito distante e demandar uma larga envergadura, nem sempre é attingido, e quando o é, nem sempre nos permitte que n'elle permaneçamos.

Por isso o primeiro ponto a liquidar é accordarmos sobre a melhor e mais pratica maneira de assentar na definição exacta e applicavel do que sejam a justiça e a benevolencia, como a entendem Spencer e os que acceitam e combatem as suas idéas, vendo depois onde nos parece estar a rasão.

E o que iremos fazendo.

AFFONSO VARGAS.

VARIEDADES

OS DIFFERENTES SYSTEMAS DE MEDICINA

(Continuado)

Pelo *Livro* do illustrado medico.

I

ISOPATHIA

É uma modificação do systema homœopathico, descoberta de um veterinario por nome Lue. N'este systema as doenças virosas tratam-se com a materia do seu proprio virus. A isopathia, apesar de ser filha legitima, se não irmã da homœopathia, não teve, comtudo, as sympathias da maior parte dos homœopathas.

II

KINESIPATHIA

Teve por fundador um poeta sueco Ling, nascido em 1777. Formou o elevado proposito de restaurar as raças do norte por meio de gymnastica, mas reduzida a fórma scientifica, e fundada em rigorosos conhecimentos anatomicos e outros.

III

PERKINISMO

Elisha Perkinis, medico americano, e auctor d'este methodo de tratamento, morreu em 1800: foi seu filho que introduziu o perkinismo em Londres, onde teve grande voga. Consistia o tratamento no uso das agulhas, cada uma de metal differente, com as quaes se tocavam em todo o comprimento os sitios doentes do corpo.

IV

MEDICINA HYGIEA

Consiste na applicação das pilulas de Morisson e de Holoway. A medicina hygiea leva uma grande vantagem á sua rival —a homœopathia (diz o dr. Bernardino), porque não admitte senão uma doença, e cura-a com um só remedio, facil de adquirir por pequeno preço, o que dispensa perfeitamente o medico, melhor do que o póde fazer qualquer outro systema medico.

V

ODYLISMO

Não é uma entidade essencialmente differente do magnetismo animal; é antes uma doutrina, pela qual se pretende explicar os phenomenos mesmericos, os quaes aliás reconhece todos, e ainda outros extraordinarios de diversa ordem.

VI

ELECTRO-BIOLOGIA

Produz phenomenos similhantes aos do odylismo e mesmerismo, mas por meio de processo differente dos passes. Os phenomenos electro-biologicos alcançam-se fixando por certo tempo a attenção sobre um objecto que mais commummente costuma ser alguma peça formada de um ou dois metaes, posta na mão do individuo que ha de ser o objecto d'aquelles phenomenos.

Como o illustrado auctor da Memoria (continua o dr. Bernardino), sobre o estado da medicina, entre os systemas medicos que referiu, esqueceu o das escolas, a medicina racional e orthodoxa, se é que não a confundiu, á imitação dos homœopathas, com o que estes chamam allopathia, seja-nos permittido indicar aqui o que distingue a pratica d'esta medicina, e o que serve de regra aos que exercem o seu sacerdocio.

A medicina das escolas ou classica, em primeiro logar, esforça-se por ter um systema ou theoria geral da sua sciencia. Na impossibilidade até hoje de alcançar essa theoria geral deduzida da experiencia e da observação dos factos, fundados por uma instrucção rigorosa, tem muitas vezes acceitado as antecipações do espirito, creadas por quem só tem direito a impôr-lh'as, isto é, pelos homens de genio. Os systemas e doutrinas que por este modo têem descido ao terreno escolar, são ahi discutidos, assim como avaliados os factos que lhes servem de apoio; nada d'isto, todavia, escravisa os espiritos, nem constrange a ser exclusivo, porque geralmente se tem reconhecido que nenhum d'esses systemas e doutrinas até hoje conhecidos satisfaz completamente, domina todos os factos, e póde conseguintemente, ser sempre um guia seguro para todos os casos de exercicio medico; d'aqui vem que em materia de doutrina a medicina das escolas é mais vezes eclectica. Por felicidade esta carencia de um systema medico, que satisfaça os espiritos mais vigorosos, não impede que a sciencia possua um grande numero de verdades ou de principios uteis, que a experiencia accumulada dos seculos tem podido ensinar, os quaes são postos a contribuição pelos auctores dos systemas, ou vivem independentes d'elles; e de qualquer d'esses modos são em todos os tempos instrumentos verdadeiramente uteis de que o medico se serve em beneficio das doentes.

...D'este modo ao menos os medicos das escolas têem o direito de suppor que, se se enganam nas suas apreciações, muito mais succederá com os que não têem por si as mesmas garantias.

José Antonio Dias.

NECROLOGIA DOS NOVOS

CESARIO VERDE

Pobre e sympathico rapaz que a tisica arrancou a todas as alegrias da vida, como a noticia da tua morte que, ai de ti, eu já presentia tanto, despertou em mim esse pouco de bom que porventura ainda tenho, e emulsionou as fibras do meu ser ao pensar no aniquilamento inevitavel e irremissivel do teu talento, da tua mocidade!

Eu não era, bom amigo que agora dormes o somno derradeiro na eterna promiscuidade de todas as cousas geladas e mortas, eu não era um teu companheiro constante, não fui sequer um teu camarada litterario, e quasi que até podia contar as vezes que comtigo passeei e em que ambos conversámos algumas horas, que não esquecerei mais; mas ha affinidades sympathicas que a natureza fomenta e que o instincto adivinha, e pelo menos a mim succedeu-me quando te vi, caminhar para ti como se caminha para um irmão.

Um laço mysterioso e estranho ligára-me ao teu espirito, e era com uma viva, com uma intensa alegria que gosava os raros momentos em que estavamos juntos.

E tu tambem, embora tão distincto, tão aristocratico, tão fino, pelo teu espirito, pelo teu ar, e pela tua educação, devesses talvez evitar-me como a antithese de todas essas bellas qualidades, tu tambem, meu desventurado e estremecido amigo, acolhias-me sempre com o teu bom sorriso transparente e limpido, apertavas-me a mão com aquella sympathia effusiva que se não finge, e tinhas uma ou outra vez alguma boa palavra fraternal e sincera para me offerecer.

Não sei se te chamavam orgulhoso e intratavel, quero crer que não; e se o faziam não me admirará isso desde que o mundo é em parte formado de tolos; o que ninguem poderá, comtudo, negar-te é a bondade ingenita da tua alma, a alta linha de re-

ctidão do teu caracter, e a vibratil e rica organisação da tua intelligencia.

No fundo tu não podias, portanto, ter um inimigo; além d'isso eras poeta e poeta dos de melhor agua e de mais puro raio.

Para ahi censuraram-te em tempo umas originalidades da tua lyra em que as ousadias do talento, as mais sympathicas de todas as ousadias, queriam saltar por cima de umas certas leis estabelecidas, mas não só isso não apoucou em nada o teu valor real, como até um dos que mais espirituosamente brincára com as tuas extravagancias de bohemio litterario, se fez depois teu amigo.

Demais essas audacias provavam exactamente a indomavel seiva poetica que te estuava no craneo, e deixavam adivinhar a aza que batia lá dentro, procurando desferir o vôo e desferindo-o, porque já hoje ninguem contesta que são obras primas da poesia portugueza, quasi todas as preciosas gemmas que tu, meu joalheiro inspirado, filigranaste com o puro amor religioso da tua alma luminosa, e com a rara elegancia real da tua finissima arte...

Citar? Para que, se tudo o que de ti vinha parecia tocado d'essa divina scintilla que marca os eleitos.

E era realmente um eleito esse organismo que escreveu aquelle delicioso e inimitavel poema que se chama *Nós*, e tantas outras poesias de primeira grandeza, que estavam a denunciar as lucillações brilhantissimas do seu espirito e até do seu caracter.

Pois tudo isso está agora para ahi desfibrado e inerte, tudo isso desappareceu para sempre debaixo da tampa de um caixão!

Ah! que é traiçoeira a vida, sobretudo para os que muito a amam!

Ahi têem um bello e generoso rapaz, sinceramente apaixonado pelo azul dos ares, pela suavidade da paizagem, pelas alegrias do amor e pelas bellezas da terra, um coração sabendo sentir, um cerebro sabendo pensar, um organismo emfim querendo viver, viver para a luz, para a poesia, para a mocidade, e eis que a vida lhe foge como uma amante infiel, tendo-lhe primeiro roubado lentamente a saude!

Porque deveria ter sido indefinivel esse longo martyrio que te foi roendo, meu saudoso poeta; deveria ter sido lancinante e cruel a agonia constante em que te foste estorcendo, para que até a morte, tão feia e tão fria, representasse já para ti uma libertação e um allivio...

E ella veiu emfim, amigo, e eu não te fui ver; com esta apathia egoista que nos invade ás vezes, fui adiando a minha visita até que a que de vez te faço é ao tumulo de um cemiterio; mas perdoa-me essa falta sem nome e deixa que já agora conserve na minha retina a impressão da linha distincta e alegre que ainda em ti achei no ultimo dia em que te vi.

É egoista, bem sei, este sentimento e com elle procuro poupar-me á tristeza inevitavel que me assaltaria se tendo-te amado joven e bello agora te fosse encontrar demudado e pallido, as faces descarnadas, os olhos sem brilho, e foragido talvez da tua bôca esse perpetuo sorriso de confiança e de bondade que te irisava todo; mas, que queres? é assim o mundo, somos assim, os homens.

Vives, porém, no meu coração e no meu cerebro a luminosa vida do espirito, e eu não esquecerei jamais nem a tua physionomia tão fidalga e tão pura, nem o teu caracter tão leal e tão franco, nem a tua intelligencia tão superior e tão clara...

O resto, o envolucro terreno em que estava tudo isto que é immortal e sagrado, vale muito e vale nada. Agora vale nada; mas o fino oiro sem macula que elle trazia dentro esse não se perde, pobre amigo.

E se é verdadeira a poetica theoria de Figuier de que as almas de luz vão viver nas scintillações do sol, a tua, que a esta hora lá está a illuminar-nos já com o seu branco fulgor immaculado, ha de ver que os que uma hora te amaram, e foram todos os que te conheceram, saberão guardar como um thesouro a recordação do teu nome, e crystallisar n'uma saudade os esmaltes do teu caracter e as perolas do teu talento.

Adeus, meu amigo, descansa em paz, emquanto lá no alto a Poesia chora pela perda de mais um crente que lhe arrancaram das aras... AFFONSO VARGAS.

Scenas da vida academica

PEPITA

(Esboço do natural)

Continuado

E entretanto, tambem o Sousa conquistava. Sentados sempre á banca redonda encostada á columna, faziam-se servir pela Gloria. Depois o Sousa, n'um fallar depressa de algarvio, exigia d'ella que se sentasse ali ao pé d'elle, joelho com joelho. A Gloria sorria sempre n'um arripiar dos beiços vermelhos a deixar ver a alvura bem tratada dos seus dentes, uns dentes agudos, miudinhos, que prendiam n'aquella agudeza canina e elegante, o Sousa. Mas depois, quando a pratica rapariga começou a entrever n'aquelles caprichos de contacto um pretendente vulgar, impacientava-se com aquelle fallar depressa, que a não deixava comprehender, e interrompia-o bruscamente com uns — *Caramba! Hombre! Calle-se usted!* — que apoquentavam vivamente o seu nervoso excitado de algarvio. Mesmo um dia a Gloria, impaciente, tapára-lhe violentamente a bôca com a mão pequena, espalmada. Riram muito, o Sousa engasgou palavras que lhe saíam turbulentamente, e aproveitou afoito a occasião para a beliscar na anca, n'uma pitada de desejo que o fez gritar tambem — *Caramba!* —

Na noite em que o Medeiros declarára francamente ao Sousa que sympathisava com essa hespanhola miuda, de olhos negros e elegantes, o Sousa retorquira-lhe brutalmente:

— Que arranjasse isso!

Mas o Medeiros soffrêra, sem saber porque, o peso d'aquella brusquidão do collega — todo nervos —. Ali o tempo passava depressa, e só mais tarde, quando em cima, no estrado, o hespanhol tocava rapidamente a viola, é que começavam a affluir os freguezes. Havia typos certos, caras pisadas, ares cansados, praticos d'aquella vida dissoluta, farejando sempre caras novas, n'essa exploração rude, saboreada entre um café e um beijo de andaluzas de exportação. Mulheres de vestidos alegres, vivos, de rendas finas e boas pulseiras, chegavam, piscando os olhos na passagem repentina da escuridão para a luz; o braço livremente traçado, com uma descaídella desleixada da mão calçada em *peau de Suède*, pelo braço mirrado de elegantes de luvas côr de canario e monoculo pendente, distribuindo generosamente apertos de mão em conhecidos antigos. Curiosos que ficavam espantados n'um extasis do vicio, procurando posição, fingindo-se habituados, e amodorrando ligeiramente n'aquella atmosphera, almiscarada e impura. Pretendentes que se faziam rodear de todas as *camareras*, a apregoarem generosidade, que pediam indolentes o que ellas queriam, e despejavam de alto, rindo ruidosamente, garrafas de *Manzanilha* e *Malaga* em copos estreitos e esguios. Velhos impotentes, de pelle apergaminhada e bigode pintado, que endireitavam custosamente a espinha, e fallavam affectado, grosso e terno, um hespanhol de contrabando, com approximações indiscretas de myopes. Ingle-

zes de abdomen exageradamente convexo, que riam vermelhos, em grupo, cuspindo cerveja e espreitando collos.

N'este meio heterogeneo de vicios cosmopolitas, o fumo ennevoava a sala; em cima, no estrado, a viola repenicava rapida, as palmas estrepitavam com um som ôco e batido, e o taquear echoava estonteador. E ao mesmo canto, ao fim da casa, os mesmos esturdios chinfrinavam sempre, de caras macillentas e gargalhadas fracas.

Era então que o Medeiros olhava sempre estranhamente essa hespanhola pequena, de mãos vermelhas, palmeando indolentemente, a cabeça ligeiramente inclinada e um olhar fixo indecifravel. E desenhára-se-lhe na sua imaginação uma historia que elle procurára ali mesmo na podridão d'aquelle meio. Chegára a contal-a ao Sousa: suppunha a rapariga, essa rapariga de olhos negros, miuda e galante, *differente* das companheiras; e, quando o dissera, o Sousa declarára-lhe terminantemente:

—Que não concordava; na sua opinião ella era como as outras, e que elle era tolo, mas muitissimo tolo, se imaginava que ía encontrar virtudes ali, e que isso afinal seria o mesmo que suppor uma flor bonita, vicejando na atmosphera infecta de um cano de esgoto; mas... que arranjasse isso—é boa!

Mas o Medeiros comtudo terminára-lhe sempre a sua theoria: a matrona—essa hespanhola gorda que cantava em cima *malagueñas* era mãe d'ella; o hespanhol, de cara magra e rapada e guedelhas empastadas em arco, na testa, e que agora afinava em cima a viola, dissera-lhe a Gloria ser pae; mas aquella cara de fraco, contrastando singularmente com os modos energicos da mulher, deixavam-no deduzir um pae sem coração, sem interesse, um fabricante que arranjára aquelle producto, sem querer talvez, sem dar por isso, e que o deixaria leiloar, como refugo, ali mesmo, n'aquelle estrado alto, pela mulher de feições grossas que a expunha á espera de quem désse mais. E era isto que se lhe arreigára teimosamente no espirito.

—É isto, pódes crer, que é isto!

Mas o Sousa tivera então um sorriso de condescendencia velhaca, e respondéra-lhe:

—Póde ser...

—Tu troças?!

—Não! Póde ser; é boa!

Foi n'essa noite que a Gloria, quando desciam do estrado a chamára:

—Pepita! Viene aqui!

O Medeiros que a olhava sempre, estremeceu involuntariamente com um medo sentimental e acotovellou o Sousa:

—Pepita!...

Mas quando a rapariga se approximou, o Medeiros sentiu-se mal, e Pepita, que viera vagarosa, abanando naturalmente os quadris, sorriu e sentou-se ao pé, emquanto a Gloria lhe acommodava feminilmente uns cabellitos compridos que lhe riscavam indomaveis a alvura da nuca. Depois afastára-se devagar tambem, e fôra juntar-se á mãe que abancára lá ao canto entre dois dos esturdios.

E só á saída é que o Medeiros se lembrou zangado:

—Que diacho! Devia-lhe ter offerecido qualquer cousa.

—Era um meio, retorquiu o Sousa.

Em casa, a vida continuava irregular. O unico que se ralava com aquelle desequilibrio era o Cruz. Previa provavelmente as consequencias, o fim do anno, esse fim que podia reflectir os meios em toda a sua crueza, em todo o seu desleixo.

Um dia resoluto chegára a querer aconselhal-os; era o seu dever, entendia elle, e quando começára, enrolando vagaroso um cigarro, rodeando, lembrando que estavam em janeiro, o Sousa atalhára depressa:

—Moral! Mas... oh! menino—é boa!

E o Cruz que ouvia o —*é boa!*— n'um tom novo a pedir silencio, obedecêra e retirára, enfiando zangado pelo corredor.

De resto, como elle dissera em seguida lá dentro, e como repetíra em baixo ao Moniz —eram homens como elle, que fizessem o que entendessem—.

Começou então o Moniz a *interessar-se* pelos rapazes.

A primeira vez que elles lá foram, disse-lhes amigavelmente sorvendo uma pitada:

—Então como vae isso de estudos?

O Sousa respondeu indifferentemente:

—Como sempre.

Mas o Medeiros, que comprehendêra o ar indagador do Moniz, juntou:

—Não vae mal, afinal!

—Bem, bem, é isso que se quer.

E o velhote enfiára sem convicção aquellas palavras, tomado de uma commiseração condescendente por aquelles freguezes de todos os dias, que lhe compravam cigarros e lhe aturavam as discussões, e que elle via afundarem-se cada vez mais na escuridão terrivel do seu abysmo voraz.

O Silverio tambem um dia adiantára inesperadamente:

—O Medeiros, que tal é isso de café cantante?

O Medeiros admirou-se, mas o Silverio continuou sempre:

—Gasta-se muito, homem, um dinheirão, em summa...

E como olhava para cima, para a Guedes, que lhe fazia signaes, murmurou baixo uma phrase ambigua:

—Não percebo.

Apesar de tudo, continuava a observação do Medeiros. Foi então que elle principiou a querer fallar tambem a essa rapariga. Mas de que maneira? Lembrára-se de fallar á Gloria, de a fazer intermediaria. E por muito tempo se demorára n'aquella idéa que elle balançava hesitando. A Gloria, essa *camarera* que o Sousa conquistára, podia, é facto, cumprir seriamente a missão, mas podia tambem arregaçar os labios n'um sorriso de troça, e gargalhar umas obscenidades, que o exporiam comicamente ás ironias das companheiras.

E aquella idéa foi posta de parte. Tresnoitado, com um desejo febril de fallar á rapariga, invejando, ciumento, os estroinas do canto que bebiam com ella, andava n'uma excentrica irritação por não conseguir encontrar uma idéa que... Talvez chamando-a de longe, como faziam os *outros?*

Mas se ella não respondesse; se virasse terminante a cara. Seria então para sempre! Offerecer-lhe alguma cousa quando ella passasse por ali. E foi só dois dias depois, notando lá ao canto o offerecimento de uma camelia branca, que planeou um meio que julgou decisivo. Agora o Sousa começava decididamente a incommodal-o. Necessitava fallar á rapariga, mas não o queria a elle, todo nervos, ali tão ao pé. Na sua rudeza sensual, disfarçada um poucochinho com modos hypocritas de recatado, o Sousa, ali, n'aquella atmosphera estonteadora buscaria certamente contactos, teria graças chulas, pedidos equivocos. Decididamente o Sousa incommodava-o.

—Sousa, vaes hoje ao café?

—Provavelmente.

—Parece-me que não vou lá hoje...

—Porque?

—É massada...

—Será —é boa!— mas eu vou lá.

Talvez indo mais tarde. Entrando depois do Sousa ter saído.

—A que horas vens tu hoje?

—Porque?

—Por nada... talvez me resolvesse a ir.

—Precisamente não sei... mas... venho tarde.

Mas o Sousa sorriu, um sorriso exquisito; ía comprehendendo.

—Olha cá, oh! Medeiros, se tu queres não vou?!

O Medeiros não esperava.

—Não, homem!

—Vê lá —é boa!—, se tu queres.

O Sousa fallava serio; a occasião era abertamente propicia.

—Sim! Tu percebes... é que... p'ra fallar á rapariga... tu percebes.

ARNALDO FONSECA.

(Continúa)

SOMBRAS

A João Augusto Melicio

Ver n'um sorriso acerba dôr occulta,
N'uma lagrima um torpe fingimento,
É esse um tão escuro torvamento,
Que a propria alma em vida nos sepulta.

Ver a deshonra vil tomar alento
E a falsa hypocrisia como exulta!
Ver a offerta d'um criminoso inulta
E a virtude expirar n'um desalento...

Faz-nos sentir uma descrença mesta,
E a duvida cruel, visão funesta,
Toda assoberba o nosso pobre ser.

Por isso n'este insano labutar,
Feliz de quem não sabe duvidar,
Feliz de quem não sabe o que é descrer.

ARTHUR MAGALHÃES.

DE VAGAR SE VAE AO LONGE

De vagar se vae ao longe é um proverbio e póde muito bem considerar-se uma synthese. Não imaginem, porém, que vamos agora desenvolver aqui uma summula de argumentos para provar este asserto, que aliás a natureza inteira se encarrega de demonstrar. A occasião não era muito azada nem o espaço o permittia.

Em todo o caso a nossa propria estampa está confirmando o que dizemos. Esse bom operario que ahi vêem occupado a collocar tijolos para completar o arco, comprehendeu e muito bem que as precipitações são sempre perigosas, e de effeito negativo, por isso vae entremeiando o trabalho com outras distracções para o seu espirito, como quem sabe que nem por muito madrugar se accorda mais cedo, ou, mais vulgarmente, que nem por muito depressa se fazerem as cousas ellas ficam melhor executadas.

E assim succede a tudo alem do tijolo que agora prende a attenção do artifice, o que nos leva a concluir a seguinte regra de philosophia pratica: que vale mais trabalhar de vagar e com methodo do que depressa e á toa. Hein? uma lição de philosophia em tão poucas linhas é de pasmar, não acham?

OS ORGANISMOS VIVOS DA ATMOSPHERA

III

(Conclusão)

Parece ser já hoje doutrina incontestada e corrente a que explica a origem de muitas doenças pela introducção no organismo de diversos schizomicetos ou mais genericamente microbios, nome com o qual Sédillot designou esses pequeninos seres, e que a moderna cirurgia considera os mais terriveis inimigos que ella tem a combater.

Esses animálculos, visiveis apenas ao microscopio e differençados na sua acção pathogenica pelos microbiologistas, parece terem alguns o feitio de uma simples virgula, e são hoje objecto de importantissimos estudos, onde homens como Müeller, Bory de Saint-Vincent, Cohn, Pasteur, Kock, e outros, têem empregado o melhor do seu estudo e da sua observação e experiencia.

Em seguida á descoberta do microscopio, Leeuwenhoek teve occasião de observar varios d'esses pequeninos seres, mas pondo agora de lado, por desnecessario ao nosso estudo, as conclusões a que elle chegou, bem como outros sabios, limitar-nos-hemos apenas a historiar a traços rapidos a serie de experiencias que constantemente se têem feito no sentido de achar para certas affecções morbidas a presença no sangue de um d'esses micro-organismos.

Bem entendido que não nos demoraremos, portanto, a indagar se taes seres pertencerão ao mundo vegetal, como querem alguns botanicos, ou estarão em ligação immediata com o reino animal, como os definiram os primeiros observadores.

De resto, acceitas as theorias darwinistas, que explicam toda a evolução dos seres como resultante de um ponto commum, não nos custará admittir que esses organismos participem ao mesmo tempo do reino vegetal e do reino animal, servindo talvez, por assim dizer, de zona media entre ambos, e tendo qualidades communs, constituindo juntamente com outros o reino dos protistas, definitivamente estabelecido por Haeckel.

Como quer, porém, que seja, o que parece apurado é que elles representam um papel importante na propagação das doenças infecto-contagiosas, e que a therapeutica dará um grande passo no dia em que poder descobrir os agentes especificos encarregados da sua destruição.

Tambem acreditâmos não offerecer já hoje contestação séria o facto de ser o ar um dos principaes elementos conductores d'estes microbios, facilitando-lhes a sua propagação e determinando-lhes ás vezes o seu proprio modo de ser e de actuar.

E o facto de se terem descoberto em pontos diversos e por diversas vezes, micro-organismos, não faz senão corroborar esta opinião, que a principio não se fundava senão sobre algumas experiencias isoladas, permittindo ensejo para se formular uma ou outra hypothese mais ou menos arrojada, mas que ao presente se generalisa com um certo cunho de verdade.

E entre estas descobertas algumas ha verdadeiramente curiosas. Exemplo, o professor Selmi, de Mantua, descobriu no ar que se accumula por sobre os cemiterios um corpusculo organico a que chamou septo-pneuma e que vicia a atmosphera a ponto de a tornar prejudicialissima ao homem.

Todos sabem tambem como um meio viciado póde determinar ou predispor o organismo á contracção de determinadas doenças, e as beneficiações que geralmente se fazem nos sitios ou quartos onde se deram quaesquer casos graves, não visam a outro fim senão a destruir a acção morbifica dos germens da doença em suspensão no ambiente.

Acrescentaremos entretanto, muito de corrida, que ha tambem quem sustente que, conservando um recinto hermeticamente fechado e em repouso absoluto o ar que lá existir, n'este caso os microbios disseminados depor se-hão na parte inferior de tal recinto, acabando a atmosphera por ficar totalmente isenta d'elles, e tornando-se até opticamente pura, no dizer de Tyndall.

Nos casos contrarios, comtudo, o microbio desenvolver-se-ha, provocando o apparecimento de doenças com caracter accentuadamente contagioso.

Demais, alem dos germens esparsos no ar, outros existem no nosso proprio sangue, segundo Luders, que diz ter n'elle encontrado esporos, que apenas esperam o momento proprio para se desenvolverem. Isto mesmo sustentam Rossbach, Hoffman e Nedvedsky, que até lhes dá o nome de *hemococcos*, apesar das opiniões em contrario, professadas por Rindfleisch, por Lewis e por muitos outros, os quaes sustentam ser a presença de taes organismos, no sangue, incompativel com o estado de saude.

Não pretendemos nós encerrar no curto espaço de que podemos dispor, a somma de noções adquiridas pela microbiologia, e limitar nos-hemos apenas a indicar quaes são as doenças que já hoje se consideram provocadas pela absorpção no sangue de algum micro-organismo em suspensão na atmosphera.

Assim, diz-se que a variola e o sarampo, e em geral todas as doenças de caracter contagioso, são devidas á acção perturbadora de micro-organismos que, introduzindo-se no sangue pelo apparelho respiratorio, o decompõem e inficionam.

Na tuberculose insiste-se modernamente em ver tambem um bacyllus que póde muito bem ser absorvido pelos pulmões, localisar-se n'elles, e irradiar depois para as diversas partes do organismo, seguindo a corrente circulatoria.

O cholera é igualmente considerado uma doença parasitaria, dando o seu bacyllo, isto é, o parasita, que se suppõe original-a, logar, ainda não ha muito, a vivas controversias.

Da mesma maneira se julga serem a febre typhoide e a pneumonia, resultantes da acção invasora de germens infectuosos.

Como foi, porém, que se chegou a estas conclusões arrojadas, algumas das quaes vem transformar radicalmente as doutrinas pathologicas até ha pouco geralmente acceitas?

A Pasteur compete sem duvida um dos primeiros logares, se não o primeiro na investigação das causas morbidas d'essas variadissimas doenças. Sendo apenas um chimico, o illustre sabio, que é hoje uma das mais puras glorias da sciencia franceza, pôde todavia abrir á medicina horisontes novos, proporcionando-lhe o emprego de uma therapeutica diversa da ge-

ralmente adoptada no tratamento de determinadas doenças.

Convidado pelo illustre Dumas, seu mestre e amigo, a estudar as causas de uma epizootia que dizimava os bichos de seda n'um departamento de França, Pasteur, que até ali nunca víra um bicho, obedecendo ás indicações do grande chimico, entregou-se ao estudo das causas determinantes de tal epizootia, e depois de experiencias successivas, a principio ruidosamente impugnadas, mas depois victoriosamente comprovadas e conhecidas, elle chegou não só a reconhecer qual a origem da epizootia e o seu modo de propagação, mas foi naturalmente levado á generalisação da sua theoria, verificada por uma experimentação constante, chegando a achar no homem as mesmas causas pathologicas que encontrára nos animaes que começára a estudar.

A febre carbunculosa, a doença das gallinhas, o mormo e finalmente a raiva, que agora mesmo occupa toda a attenção do grande sabio, e que, se ainda não é um facto perfeitamente demonstrado, está talvez proximo a sel-o, constituiram um capitulo glorioso e importante dos estudos ininterruptos d'este incansavel experimentologista, o mais completo exemplar da probidade scientifica.

Tendo visto pela experiencia que repetidas e successivas inoculações de um liquido septico se attenuam nas suas propriedades virulentas de geração em geração, Pasteur chegou a concluir que por meio de culturas e attenuações successivas, fóra do organismo, de liquidos contendo os organismos especificos de uma determinada doença, se poderia obter por inoculação uma doença que mais attenuada e benigna daria ao animal sujeito á experiencia a immunidade para essa doença na sua fórma activa, o que importa a descoberta de vaccinas preservativas contra as doenças infectuosas, facto este que não é já uma hypothese, mas verdade demonstrada para muitas doenças, até aqui julgadas incuraveis.

E descripta a traços largos a obra de Pasteur, resta-nos, para concluir, mostrar a ligação que taes estudos possam ter com a existencia de organismos vivos na atmosphera. Em duas palavras nos parece, porém, que conseguiremos isso. E senão, vejamos:

Está ou não provada a existencia d'esses organismos?

Cremos que já ninguem hoje a contesta; logo se taes parasitas existem, e todos nós podemos n'esse caso absorvel-os facilmente pelas vias respiratorias, nada mais natural do que elles modificarem pela infecção a natureza chimica do nosso sangue, facilitando assim a apparição de um germen morbifico. Por sua vez este determinará pela sua influencia pathogenica a formação de uma doença e ahi estâmos nós em pleno dominio das theorias e experiencias de Pasteur.

Por isso se vê como tinha rasão aquelle que dizia que o ar matava mais do que uma espada, e como elle é realmente de uma importancia capital para a nossa vida, pois embora todo elle esteja cheio de organismos vivos, visto que segundo parece só quando o ozone se desenvolve em altas dóses é que aquelles morrem, o facto de nós o respirarmos bom ou viciado, determinará no nosso organismo a inoculação da *saude* ou da doença. VIATOR.

Nova York é um verdadeiro pandemonium de publicações ephemeras, que sáem a lume a toda a hora do dia e da noite. Só na ilha de Mauhattan, com a população de 1.300:000 almas, ha vinte e tres jornaes quotidianos sendo os mais importantes, com suas tiragens approximativas, os seguintes: O *Herald*, 190:000 exemplares; o *World*, 150:000; o *Morning-Journal*, 100:000; o *Sun*, 100:000; o *Daily-News*, 160:000; o *Times*, 150:000; a *Tribune*, 50:000, o *Evening Telegram*, ramo do *Herald*, 80:000; o *Evening Post*, o *Mail and Express*, o *Star*, o *Commercial advertiser*, o *Illustrated Daily Graphic* têem uma tiragem que varia de 5:000 a 15:000 por dia.

Em Jersey-City e Brooklyn, que formam na realidade parte de Nova-York, e contam, respectivamente 130:000 e 600:000 almas, ha nada menos de dez jornaes da tarde.

Em Newark, cidade de 150:000 habitantes, distante de Nova York 9 milhas apenas, ha quatro jornaes da manhã e tres da tarde.

Os 900:000 habitantes de Philadelphia são servidos por dezenove jornaes quotidianos, sendo os dois principaes, o *Public Ledger* e o *Record*, de cada um dos quaes se tiram 100:000 exemplares por dia.

Boston, com uma população de 425:000 almas, conta onze folhas quotidianas, representando uma circulação de 275:000 exemplares por dia.

Chicago, cuja população ascende a 600:000 almas, tem dezesete jornaes, que todos reunidos tiram mais de 200:000 exemplares. S. Francisco, população de 250:000 almas, tem treze jornaes quotidianos; S. Luiz, a metropole do oeste, nove, tendo dois d'elles uma tiragem de 30:000 exemplares, e uma cidade manufactureira como Great Rapids (Michigan) carece de cinco jornaes quotidianos, com as competentes edições da noite, para satisfazer o appetite dos seus 40:000 habitantes.

Segundo os documentos estatisticos do anno de 1885, os 55 milhões de almas que vivem entre o Atlantico e o Pacifico possuem, para seu alimento intellectual periodico, 1:183 jornaes quotidianos, 10:422 jornaes hebdomadarios, 139 bi-semanaes, e 39 tri-semanaes! O numero das publicações mensaes e outras eleva-se a 2:051, o que, com os algarismos acima, dá um total de 13:834 publicações periodicas, ou uma por 4:000 habitantes. Em 1860 o total não passava de 5:253, isto é, uma por 6:000 almas. F. PEREIRA E SOUSA.

(La Bibliophilie)

SANTA QUITERIA E PASTEUR

Pasteur se não fosse já um dos maiores vultos do seculo actual ver-se-ía elevado ao pinaculo da gloria só porque descobriu a prophylaxia da raiva. De toda a parte chovem condecorações, e creio até que se o illustre sabio tivesse uma estatura herculea, ainda assim não poderia supportar o peso dos *bijoux* que lhe têem enviado. As academias que ainda o não contavam entre os seus membros, apressaram-se a enviar-lhe o competente diploma com honrosas mensagens. Portugal não faltou, e como não pecca por avaro em condecorações, lá enviou mais uma para o estrangeiro.

O laboratorio de Pasteur transformou-se n'uma verdadeira Babel; todas as linguas são ali falladas, porque de todas as partes do mundo chegam desgraçados implorando os beneficios da prophylaxia da raiva.

Pois, senhores, tudo isto é espantosamente ridiculo.

Antes que Pasteur pregasse a massada das inogulações do *virus rabico*, já em Portugal, pela insignificantissima quantia de 60 réis annuaes, se evitavam os ataques da raiva.

Todos os annos, pelas povoações norte-alemtejanas, apparecem uns homens, em burricos, com alforges cheios de contas de páu e de bolos de fórma rombhoidal, a que o povo ingenuo chama — *merendinhas de Santa Quiteria*.

Uma pessoa qualquer recebe d'estes homens umas continhas e umas merendinhas e dá 60 réis; fica irmão de Santa Quiteria e livre de um ataque de hydrophobia. Se este processo é infallivel (santo é com certeza) porque não havemos de dispensar as taes inoculações do sr. Pasteur?

Mas, se formos economicos, podemos ainda evitar a doença sem gastar um real. Se o leitor for ás povoações de que fallo, ha de notar que muitas pessoas, especialmente as creanças, trazem ao peito uma bolsinha aromatisada. Dê-se ao incommodo de a abrir, e encontrará uma merendinha de Santa Quiteria envolvida em alfazema.

Sabe o leitor o que isto é? Um talisman que afugenta qualquer bicho hydrophobo.

Mas como aos cães, por exemplo, não é permittido serem irmãos de Santa Quiteria e seria ridiculo pôr-se-lhes ao pescoço o citado talisman, ficam os pobres animaes inermes perante a mordedura de outro animal atacado da raiva—, perguntará o leitor?

Não, senhor, lhe responderá o povo ingenuo; mandam-se ao padre que os benza, e dá-se-lhe, depois, um bocado de pão molhado em agua benta.

F. E. Lourenço Leão.

NIHIL ET OMNIA

Á memoria de minha mãe

A sciencia do atheu exclama gloriosa
—Nas nuvens e no mar, no halito da rosa,
No peito de Jesus, no calix d'uma armeria,
Na Venus —flor mulher—, na Venus —flor siderea—,
Em ti que libertaste o niveo pensamento,
Materia existe só, materia em movimento.
A mesma lei fatal que marca a rota agreste
Que vaé do olhar materno á sombra do cypreste,
Applica-se á verbena, ás rochas, aos vulcões.
Revolve ao mar a onda, ao ar os turbilhões.
Do nada nasce o Ser, das trevas a alvorada;
De noite vae-se a luz, e a vida volta ao nada.

O crente que repousa á sombra d'uma cruz,
Responde áquelle atheu com os labios de Jesus.
—A lei universal, a soberana harmonia,
Que faz cerrar a noite e despontar o dia
Que só amor nos dá, que só amor contém,
Que deu á mãe um filho, ao filho amor de mãe..
Não póde ser fatal, tem um Deus sapiente
Que nos eleva á luz, que luz eternamente.
E é consolação no homem, na creança
Poder alimentar a rendilhada esperança
De mais tarde, o amor que nossa Mãe nos deu,
Poder-lh'o inda pagar, um dia, lá no céu.

José d'Ascensão Guimarães.

NOTAS SOLTAS

Embora o homem sempre governe na sciencia e na arte, a esphera das glorias da mulher é o coração.

Moore.

A nossa vida não é senão a nossa morte começada, tal qual uma véla accesa que no mesmo instante começa a queimar-se.

Eduardo Young.

Os que correm depressa escorregam.

Shakspeare.

CHRONICAS VULGARES

NOTAS PARDAS

VIII

Pobre e querido Lamartine, poeta sympathico ás mulheres e aos amantes, doce espirito generoso que cantaste na tua lyra, de uma suavidade e de um lyrismo incomparaveis, tudo quanto no mundo é delicado e casto, um triste chronista obscuro que soletrou os primeiros versiculos do amor nos teus livros impregnados de um perfume inextinguivel, que leu na *Graziella* e no *Raphael* as mais bellas palavras que podem pedir-se ao coração, vem hoje tributar-te aqui esta homenagem posthuma da sua gratidão, e lastimar que ha mais tempo não se houvessem lembrado, nem do teu estro nem da tua lyra.

Ah! os francezes teus irmãos foram realmente ingratos e esquecidos, e ainda agora não te deram a consagração a que tinhas direito, inaugurando a tua estatua n'um bairro afastado e só; mas o teu espirito paira sereno e risonho sobre o mundo, meu doce visionario, e se o monumento que te erigiram é, no dizer de muitos, pequeno de mais para a tua estatura, perdoa mais essa injustiça que te fazem; tens um outro mais grandioso e mais bello na alma de todos os sonhadores apaixonados de ideal, que debruçados sobre os teus livros, se deixaram arrastar embevecidos e extaticos pela musica melliflua que d'elles vinha...

Quanto aos que te ouviram nos momentos divinos da tua eloquencia irresistivel, esses levarão tambem comsigo a recordação inolvidavel d'essa voz de oiro, e hão de tambem amar-te com esse extremo affecto que longe de desvanecer-se, cada vez mais se radica com o tempo...

E pois que a chronica fallou de um poeta, não deve estranhar que falle agora de uma creança; os assumptos prendem-se.

Permitte, portanto, leitora, que ella saude com respeito o nome de Custodia dos Anjos.

Pequena heroina pelo tamanho, grande pela acção que praticou, ella merece a nossa veneração; e ao contemplal-a, a alma dilata-se-nos em ondas de alegria, por vermos que, apesar de todos os arrefecimentos da bondade e da dedicação, todavia essas duas irradiações sublimes do amor existem no universo e vão até abrigar-se ás vezes no coração de uma simples e desconhecida rapariguita d'aldeia. Não está pois de todo perdido o mundo, se ainda produz perolas que fazem esquecer as pedras que mutuamente nos atirâmos, estrellas que illuminam a escuridão das nossas noites...

A respeito da festa deveria ter sido alegre e cheia de enthusiasmo, desde que era a festa da infancia, mas a chronica não póde descrevel-a, porque infelizmente não lhe foi possivel assistir a ella.

E depois de cousas boas não vale a pena fallar em cousas ruins, nem do calor que ameaça dissolver-nos em liquidos se antes o sol nos não houver reduzido a torresmos, nem da politica que lá fóra consegue esmagar as intenções generosas e largamente humanitarias de Gladstone, nem de outras muitas emfim, que poderiam captivar a attenção da chronica.

E já agora ficam ainda de remissa para a outra vez, as considerações que sobre a exposição de pintura estavam promettidas, com o que tu, feliz leitora, continuas a folgar, não é verdade?

Ri-mal.

EXPEDIENTE

Por intermedio de um amigo commum contâmos publicar no proximo numero uma poesia do chorado e distinctissimo poeta Cesario Verde.

Temos igualmente a promessa da continuação do bello artigo *Em Sevilha*, que publicámos em um dos numeros passados e que é devido á penna de um moço intelligentissimo, o nosso amigo Alexandre de Castilho, actualmente no Brazil; e a de uma serie de artigos de viagens escriptos por um distincto official de marinha.

Que não nos faltem, eis os nossos desejos.

Imprensa Nacional.